

MOBILIDADE: DO NORDESTE PARA RIO DAS PEDRAS

Antonia Valbenia Aurélio Rosa (valbeniarosa@gmail.com)¹

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (clgdemattos@gmail.com)²

Este artigo tem como objeto a mobilidade, como categoria central da pesquisa Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico. O objetivo é apresentar o conceito de mobilidade a partir das vozes dos sujeitos participantes do estudo, possibilitando a percepção sobre a realidade de três famílias migrantes de origens do Nordeste. A mudança de lugar ocorreu entre alguns municípios do Nordeste para a Comunidade de Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro, sendo este o *loci* do estudo. A metodologia do estudo é de abordagem etnográfica, para a coleta de dados utilizou-se de entrevistas e observação participante, apoiadas em recursos de áudio, vídeos, fotografias e caderno de campo que serviram de *corpus* de dados. Utilizou-se do software *Atlas ti* e *Mapas conceituais* para as análises que compõem os resultados deste estudo. Destacam-se os autores Burgos (2002) e Mattos (2001) que contribuíram na descrição da comunidade e nas categorias analíticas.

Palavras-chave: Migração, Mobilidade, Nordeste, Etnografia.

Este artigo aborda a mobilidade como categoria central, entendendo esta como um processo de ir e vir, isto é, a mudança de um lugar para outro. É parte da tese intitulada *Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico*, realizada durante o curso de Doutorado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ).

Neste estudo, *ir* significa o *outro*, aqui entendido como alteridade geográfica porque o outro é lugar, cidade, estado, isto é, uma relação de ausência e presença pautada na distância. O ir é entendido, nas vozes dos sujeitos que saíram do Nordeste para o Rio de Janeiro, como sair do seu local de origem em busca de melhores condições sociais, tendo como sinônimos as palavras: migração, imigração e imigrante. Já *vir* significa retornar para o lugar de origem, voltar para o local de nascimento para manter vínculos familiares, ou áreas próximas, neste contexto tem como sinônimo, migração de retorno, isto é, o retorno para o lugar de pertencimento.

São essas muitas mobilidades que ganham sentido tornando-se categoria analítica, estes dados serão apresentados através de vinhetas etnográficas. De acordo com Mattos

¹ Doutorado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ). Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa de Excelência Acadêmica (CAPES/ PROEX).

² Professora orientadora, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ).

(2001), vinhetas etnográficas referem-se as ilustrações produzidas a partir das descrições e interpretações dos dados de campo, possibilitando a percepção da realidade através das falas dos participantes da pesquisa, como as coletadas nas entrevistas, observação participante com anotações no caderno de campo e fotografias. As vinhetas correspondem a forma de organização dos sentidos do que foi produzido no campo a partir das vozes dos participantes do estudo, do pesquisador e literatura explorada e contribuem para ilustrar a forma como os sujeitos, participantes deste estudo, descrevem: i) suas condições familiares; ii) seus deslocamentos; iii) suas condições socioeconômicas.

A seguir, explora-se as vozes de três famílias que participaram deste estudo através de entrevistas realizadas durante o ano de 2016, com nomes fictícios de Sousa, Silva e Rodrigues, as famílias autorizaram através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o uso de recursos de áudio visuais.

i) Condições familiares: sujeitos em mobilidade

Na Comunidade de Rio das Pedras, os perfis das famílias originárias do Nordeste destacaram-se pela condição socioeconômica; as crianças e jovens com matrículas na escola pública e a rede de apoio familiar com interseção entre as cidades de origem e a Região Sudeste, sendo predominante a família nuclear incluindo pai, mãe e filhos.

Explora-se as vozes de três famílias que participaram deste estudo através de entrevistas realizadas durante o ano de 2016, utilizando-se a entrevista aberta de natureza etnográfica. Foram gravadas em áudio e vídeo, transcritas e interpretadas à luz do *bottom-up*.

No que se refere à categoria Família, partir do *software atlas ti*, a recorrência para membros da família foi um quantitativo de 1.021 palavras, distribuídas em subcategorias, são elas: 33% para a Família de 1ª geração (mãe, pai, filha, filha, marido, mulher, esposo, esposa), 20% corresponde a Família de 2ª geração (avós, tio, irmão, irmã) e 47% representa a Rede de apoio (pessoas, amigo e parentes) compreende-se que a sua constituição é formada por diferentes arranjos.

Infere-se ainda, que a família, sendo um dos principais eixos de socialização, que se dá partir do seu contexto social e/ou cultural, mas, pode ser alterada pelas políticas econômicas e sociais na busca de estratégias para melhores condições de vida de seus membros.

De acordo com as análises do campo, confirmados através da subcategoria família de 2ª geração, identificou-se o convívio dos membros da família de diferentes gerações que

residem em Rio das Pedras. Fato que contribuiu na compreensão sobre a expansão da Comunidade pela necessidade de moradia para os imigrantes em diferentes ciclos de trabalhos.

A *família Sousa*, de origem paraibana, é composta de três pessoas: pai, mãe e um filho de nove anos de idade, Adriana é a mãe, com 29 anos. Os pais nasceram na cidade de Itaporoca³, localizada aproximadamente 70 quilômetros da capital João Pessoa, o filho já nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Se deslocaram para a cidade do Rio de Janeiro por gostarem das condições do local.

A *família Silva*, de origem paraibana, é composta por quatro pessoas: pai, mãe e duas filhas, a filha Rafaela de 19 anos de idade e a outra menina com 12 anos de idade. Imigrantes da localidade de Água de Dentro, zona rural da cidade de Guarabira⁴ aproximadamente 105 quilômetros da capital João Pessoa. Saíram do Nordeste para o Rio de Janeiro porque desejavam oportunidades de emprego e estudo.

A *família Rodrigues*, terceira do estudo, é composta por sete pessoas, tendo como figura central, a Rejane tem 29 anos de idade, nascida no Rio de Janeiro. A família se caracteriza como imigrante, pois os pais de Rejane saíram nos anos de 1970 do Nordeste, dos Estados do Piauí e Maranhão para a Comunidade Rio das Pedras, eles ainda permanecem morando nesta comunidade. O filho mais velho, com 13 anos de idade, reside no Estado da Paraíba com o seu pai. Ela casou-se com um pernambucano e tiveram um filho que no momento da pesquisa tinha três anos de idade. Portanto, a família Rodrigues permanece na Comunidade de Rio das Pedras, formada por cinco pessoas. Diferente das famílias Sousa e Silva, a terceira família tem como sujeito central uma pessoa que nasce na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, carioca. Contudo, são os pais de Rejane que marcam a identidade nordestina familiar.

Durante a pesquisa de campo na Comunidade de Rio das Pedras no ano de 2016, utilizou-se de recursos de áudio, vídeo e fotografias que fazem parte do acervo de imagem deste estudo. Pode-se observar que alguns prédios foram erguidos com vários andares, entremeados com fios de rede elétrica, canos de abastecimento de água improvisados e

³ De acordo com o IBGE (2018), Itaporoca possui 18.501 habitantes e tem como principal atividade econômica a agropecuária. O desemprego é uma realidade cruel na cidade, somente 5,8% da população está empregada e com renda mensal 1,5 salários mínimos.

⁴ De acordo com o IBGE (2018), Guarabira tem cerca de 58.492 habitantes, a maioria da população é desempregada apenas 17, 8% e a renda média é de 1,4 salários, sendo a principal atividade econômica a agropecuária.

aparente. A estrutura dos andares constitui parte dos edifícios, também há diversas escadas. Modelo semelhante de edificação, foi visto em outras áreas da comunidade quando em visita às famílias.

Os serviços básicos, que as famílias usufruem, são: rede de esgoto, coleta de lixo, postos comunitários de saúde e serviço social, água, elétrica, TV a cabo e outros serviços, ainda, escassos na região. No caso do saneamento básico, as dificuldades no escoamento das águas em períodos de chuvas provocam sérios problemas à comunidade, apesar da sistemática adotada pela Prefeitura do Rio de Janeiro e esforços juntos a organizações sociais para urbanização de favelas (CAVALLIERI; VIAL, 2012).

Para Burgos (2002), a organização do espaço na comunidade Rio das Pedras se dá em hierarquia “definida a partir do lugar que cada subárea ocupa na distribuição de poder político, econômico e social” (BURGOS, 2002, p. 45). O autor apresenta as áreas ocupadas na Comunidade Rio das Pedras divididas em três grupos: áreas periféricas, áreas intermediárias e áreas centrais, onde o pertencimento define a posição social na comunidade, porém, esta divisão não interferiu na mobilidade dos sujeitos.

A Comunidade de Rio das Pedras abrange várias subáreas, a partir do núcleo originário que ocorreu no ano de 1969, principalmente em função da expansão no contexto da desapropriação e ocupação entre proprietários de terra local, moradores e o poder público. Os modos de vida das famílias que circulam nas áreas ocupadas variam a partir de grupos de pertencimento de acordo com os locais de origem no Nordeste, por exemplo, baianos, cearenses e pernambucanos se organizam de forma nuclear.

ii) Deslocamentos possíveis

A partir do *software atlas ti*, a recorrência foi de 923 palavras (Deslocamento, Nordeste e Comunidade Rio das Pedras) que tematizadas foram envolvendo os diferentes tipos de movimentos na imigração interna no Brasil, o *ir* e o *vir* entre as Regiões Nordeste e Sudeste. Observou-se que na categoria Mobilidade, onde 32% refere-se as análises sobre os Deslocamentos, o que explica as trajetórias dos sujeitos da Região Nordeste (26%) para o Sudeste e que residem na Comunidade de Rio das Pedras (42%), zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Os dados explicam a mobilidade destes sujeitos inferindo-se sobre a ocupação, inclui-se ainda, a perspectiva de retornar as origens em função dos vínculos familiares e das condições econômicas já alcançadas.

O Nordeste é uma das regiões que se caracteriza pela imigração, destacou-se os Estados da Paraíba, Maranhão e Ceará como os maiores dispersores populacionais, sendo a Comunidade Rio das Pedras o local de moradia atual de uma parte significativa destas famílias.

A imigração como um processo de ir e vir, entre o Estado da Paraíba e o Rio de Janeiro, foi descrita por Rafaela, 19 anos de idade, que faz parte da família Silva, com Ensino Médio completo. Ela trabalha com vendas, na ótica. Ela relata como se deu a imigração de sua família:

[...] eu vim da Paraíba, do lugar de Águas Dentro que fica próximo de Guarabira. Minha família mora toda lá ainda, tenho poucos familiares aqui, por parte de pai e mãe, a maioria é lá. Aqui, o que eu tenho são parentes mais, um pouco mais distantes, que são: tios e primos. Parentes mais distantes para mim, por que próximo para mim é vô, vó, minha mãe, meu pai [...] eu penso em ficar, porque, como eu falei para o meu pai, pai, eu saí de lá com 2 anos, voltei para lá com 12 e passei só 1 ano e 7 meses, [...] aqui no Rio de Janeiro eu já conheço praticamente tudo, se você me mandar lá eu não conheço nada. Eu conheço o que? O sítio, eu nasci em João Pessoa, mas eu não conheço João Pessoa. [...] aqui eu já conheço tudo, já sei onde é que fica tudo, se você me largar em João Pessoa eu posso até me adaptar, mais depois de velha se adaptar num lugar novo eu acho meio estranho, eu vou estranhar, mas eu penso em não voltar (Rafaela, 19 anos, Entrevista, Relatório de Campo).

Na descrição que faz, Rafaela diz que a família imigrou do Estado da Paraíba para o Rio de Janeiro, retornou para à Paraíba, onde permaneceram por 01 ano e 07 meses. Após esse período sua família retornou novamente para a comunidade Rio das Pedras no Rio de Janeiro. Rafaela fala do retorno e explica que não deseja voltar para o Estado da Paraíba, enfatizando a dificuldade de readaptação no seu local de origem. É relevante notar que Rafaela refere-se ao Rio de Janeiro (lugar de imigração) como um lugar que ela conhece bem, enquanto refere-se à Paraíba (lugar de origem) como um *lugar novo*, portanto, desconhecido.

Recorre-se ao conceito de *habitus* em Bourdieu (1974, p. 346), para melhor entender o modo como Rafaela internalizou o novo, que neste caso, refere-se: o original, o antigo e o anterior, para sintetizar um sentimento de pertença originários ao que Bourdieu descreve como “sistema de esquemas inconscientes o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*”. Neste sentido, o lugar novo para Rafaela é resultado das interações sociais constituídas do seu *ir e vir*, enquanto trajetória individual e familiar, onde a experiência não é adquirida de maneira igual por todos da família.

Rafaela, ainda descreve como se dá a formação familiar no contexto da imigração, entende-se que há outros membros da família que imigraram para o Rio de Janeiro,

considerados por ela como pessoas mais distantes como tios e primos, as pessoas próximas são: pai, mãe, avô e avó. Observou-se que a compreensão de Rafaela resulta de valores e saberes adquiridos no contexto da imigração, embora a comunidade Rio das Pedras tenha como um dos aspectos os movimentos migratórios, especialmente do Nordeste, a falta de convivência com outros membros da família a partir da imigração, pode ter provocado em Rafaela um fragmento nas relações interpessoais.

Rafaela demonstra dificuldade sobre adaptação, readaptação aos valores e estilo de vida originários, que é resultante da ideia de circularidade (BAENINGER, 2012), pois, esta contribui para outras formas de interação, como as relações de trabalho e outras instâncias como a família e escola (BORGES, 2018). Ao descrever como é a vida no Rio de Janeiro e ao comparar com o local Água de Dentro situado próximo a Guarabira, uma cidade do interior do Estado de João Pessoa.

No início eu achei estranho porque aqui, a movimentação na cidade no Rio de Janeiro ela é bastante, é muito movimentada, e lá eu fui morar no sítio, então eu achei muito estranho. Aqui, a gente tem o costume de dormir meia noite, uma hora da manhã, lá as nove horas já é muito tarde, você olha já não tem mais ninguém no sítio e nem nada [...] se eu continuasse vivendo naquele lugar, eu tinha que ir para a cidade, no caso Guarabira, João Pessoa, mas, em questão de descanso pra você viver uma vida saudável lá é bom. Aqui no Rio de Janeiro é bom para quem quer ganhar dinheiro e estudo (Rafaela, 19 anos, Entrevista, Relatório de campo)

O Rio de Janeiro é visto como um lugar movimentado, que se dorme tarde ao contrário, da forma como ela percebe a vida no sítio. O fator econômico foi visto como o motivo que tem contribuído para que ocorra uma distribuição irregular da população, entre as regiões do país, exemplifica-se as áreas Regionais do Sudeste e o Nordeste do país, que são consideradas como áreas de atração e dispersão respectivamente, da mão de obra, com o destaque para o Sudeste que representa a maior concentração populacional do Brasil, destacando os estados de São Paulo, seguido do Rio de Janeiro (IBGE, 2010).

O processo migratório caracterizado pelo o movimento de ir e vir entre as áreas de menor para a maior desenvolvimento econômico, correspondem a uma etapa de transição, sendo a origem, de uma área menos dinâmica, para um destino que apresenta possibilidades de ganhar dinheiro e possibilidade de estudo. Este caso, foi descrito por Rafaela, com a saída da zona rural, no estado da Paraíba para a zona urbana, no Rio de Janeiro. Neste processo, está o retorno, que em seu relato demonstra circunstâncias familiares, referindo-se à mãe, “ela ficou hipertensa e teve síndrome do pânico depois que teve a minha irmã”, [...] meu pai não

podia ficar próximo dela porque tinha que trabalhar”, este tema não foi explorada na literatura estudada, pois o foco tem sido no aspecto econômico.

Aqui é cada um no seu quadrado, você vai do seu trabalho para casa, de casa para o trabalho, se tiver escola no meu caso como era até o ano passado, e daí ia para a escola, chegava em casa almoçava, vinha para o trabalho, voltava do trabalho ia para casa, fazia os trabalhos da escola e ia dormir. Lá não, lá eu achava um pouco mais divertido, porque tinha a minha família e tem coisas boas lá e coisas ruins (Rafaela, 19 anos, Entrevista, Relatório de campo)

Rafaela enfatizou a dificuldade de readaptação no lugar de nascimento, relatando a sua experiência pessoal e familiar no retorno e comparou o estilo de vida na zona rural e a zona urbana, porém, tem clareza de que o Rio de Janeiro é um lugar de oportunidade. Por outro, a aproximação com os membros da família na Paraíba durante o retorno, foi apontada como *um pouco mais divertido*, provavelmente por sua interação com os avôs.

Recorre-se de Baeninger (2012), propondo pensar este movimento como uma transição, pois, antecede a permanência fixa da família no lugar de destino, sendo muitas vezes resultante das relações que esta mantém com o mercado de trabalho. Recentemente, o emprego nos grandes centros urbanos, têm atraídos as pessoas e contribuído para uma “força de trabalho móvel” (BAENINGER, 2012, p. 94). Foram apontados pelos sujeitos da pesquisa, as seguintes oportunidades: construções civis, serviços domésticos, restaurantes, bares e comércio em gerais.

O desemprego, muitas vezes cria fragilidades e a família necessita retornar para o lugar de origem ou locais próximos, onde a emigração (saída) e imigração (chegada) fazem parte de um mesmo processo social. Entende-se que este processo corresponde a um grupo, que nessa pesquisa são originários do Nordeste e que fazem a imigração para o Sudeste, nele está o sujeito migrante, a sua saída e a chegada altera as relações interpessoais e o lugar que habita.

Concorda-se com Baeninger (2012), de que a circularidade não explica toda a complexidade do movimento migratório no Brasil, no entanto, destaca-se que as situações do cotidiano familiar dos sujeitos participantes deste estudo, comporta uma outra reflexão, que é ideia do conhecimento em circularidade na escola, apontado por Borges (2018). A questão educacional destes sujeitos está posta em pauta à medida em que é preciso repensar a mobilidade e a interferência com/na escola.

iii) **Melhores condições socioeconômicas**

A condição socioeconômica enquanto categoria de análise contribuem nas explicações sobre os fatores motivacionais para a imigração. Geradas pelo *software atlas ti*, a recorrência foi um quantitativo de 432 palavras, distribuídos nas subcategorias: Renda, Oportunidade e Trabalho.

A condição socioeconômica foi analisada a partir das trajetórias imigratórias dos sujeitos, estes foram atraídos para áreas com maior possibilidade de emprego. De acordo com os dados, a oportunidade representou 12%, e emprego 21% do quantitativo analisado, percebeu-se estes apresentaram proporções menores. Ao analisar em qual contexto o termo oportunidade aparecia, este se referia: a oportunidade relacionada a experiência e trabalho, a oportunidade vinculada ao currículo e oportunidade educacional. O trabalho com 67% envolve os tipos atividades, conforme o gráfico a seguir.

A Comunidade Rio das Pedras tem apresentado um desenvolvimento econômico caracterizado por comércios variados, observadas em placas comerciais indicando negócios familiares e a presença regional. Através do seu dinamismo local, tem atraído pessoas em busca de oportunidade para a comunidade e também em áreas próximas no seu entorno.

O tipo de trabalho para os sujeitos remunerados, compreende atividades variadas, para os homens, predominam a construção civil, serviços noturnos como em restaurante e pizzarias; para as mulheres, observou-se atividades diurnas como vendedora, diarista, faxineira, caixa de farmácia e supermercado.

Para o grupo analisado, observou-se como as categorias acima citadas, apresentam um entrelaçamento com a escola pesquisada, justificada pela mobilidade das famílias e filhos/filhas. A tensão gerada pelo emprego e/ou desemprego, através do ir e vir das famílias cria o movimento de entrada e saída do aluno na escola.

Recorre-se a fala de Adriana, com 32 anos de idade, ela é a mãe na família Sousa, residente na Comunidade Rio das Pedras com o marido e um filho de 6 anos, ela informa sobre si e a imigração da sua família.

Adriana - no começo assim, eu estranhei muito. Mais depois eu me acostumei. No primeiro ano foi difícil, eu tinha uma vontade tão grande de voltar. [...] Você numa cidade do interior, as sete horas da noite você não vê ninguém na rua mais. Aqui no Rio da Pedras, nossa senhora, você sai de casa parece que você vai a uma festa, de tanta gente na rua, aquela movuca, entendeu? É diferente, barulho. Lá é mais sossegado, mais tranquilo. E é o movimento assim, que você tem aqui que lá você não tem [...]. Eu tenho vontade de voltar, [...] eu moro aqui no Rio das Pedras, aqui eu não tenho parentes, eu não tenho ninguém. Aqui vive eu, o Renato e meu marido. Lá não,

eu tenho minha mãe, meus irmãos, a gente tem família, a gente sai mais. Aqui a gente é muito preso, é diferente (Adriana, 32 anos, Entrevista, Relatório de campo)

Para Adriana, imigrar foi difícil. Ela fala da sua experiência como imigrante e as relações de trabalho, onde o contrato de aluguel representou o emprego/desemprego em um restaurante. O que a motivou a sua permanência no Rio de Janeiro foi o trabalho que arranhou quando chegou no ano de 2003. O *sossego* e a *muvuca*, foi a forma que ela usou para diferenciar a rotina diária entre a cidade de Itapororoca e a Comunidade Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, o número de habitantes neste caso, foi o fator relevante para sustentar esta comparação.

Este relato revela que o crescimento populacional da comunidade é reforçado pela mobilidade das pessoas entre as Regiões Nordeste para o Sudeste do país. É possível sustentar essa hipótese ainda, devido ao aumento da ocupação territorial no local e pelo crescente procura por vagas para alunos na escola pesquisada, assim, como nos indicadores do Censo Escolar sobre o crescimento do número de escolas locais.

Do ponto de vista das relações familiares, Adriana não tem convívio com outras pessoas da sua família na comunidade e informa que seu núcleo familiar, incluindo, mãe, irmãos e outros sujeitos do seu convívio, permaneceram no Nordeste. Ela ressalta a ausência que sente de seus familiares e a vontade de retornar a sua cidade com a família. Em sentido amplo, o retorno corresponde a realização do que foi pensado como imigrante no Rio de Janeiro, onde o tempo de permanência no grande centro urbano é voltado para o trabalho, o seu planejamento foi de juntar dinheiro e retornar para o lugar de origem trabalhar por conta própria.

[...] eu trabalhava na farmácia ali em frente a loteria. Entendeu? Eu trabalhei ali, eu ainda não estava grávida não. Aí engravidei, quando o Renato nasceu eu fiz acordo e sai. Assim, você trabalha sábado, domingo, feriado, natal e ano novo [...], eu estou aqui no Rio de Janeiro a passeio, assim, juntando o dinheiro, já comprei algumas coisas lá. Mas eu pretendo voltar para o Nordeste para eu abrir um comércio [...]. Eu quero assim, abrir um supermercado alguma coisa. [...] o estudo faz falta sim, entendeu? Porque eu vou precisar é claro de estudo (Adriana, 32 anos, Entrevista, Relatório de campo).

A rotina semanal de Adriana foi descrita pelo seu trabalho na farmácia, com o dinheiro ganho, a família vem fazendo investimentos através de compras de imóveis na perspectiva de ter o seu próprio comércio ou supermercado, ao retornar para o Nordeste. Adriana já trabalhou em restaurante, farmácia, atualmente, é diarista. Adriana passou por variados tipos de emprego, fato que provavelmente, está relacionado ao tipo de movimento, expresso por ela como: “você tem aqui que lá você não tem”. Os donos de comércios são atraídos para a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

comunidade devido o acesso fácil e a mão de obra possível. Alguns são negócios de família, como pode ser observado em letreiros e placas na faixa dos comércios e lojas fazendo referência ao estado da Paraíba, como exemplo, o comércio de peças, *Paraíba Motos* como uma expressão identitária de pertencimento.

A imigração no caso de Adriana, não está relacionada apenas à mudança de um lugar ao outro, mas, é uma consequência da necessidade de emprego para a manutenção do seu modo de vida. Em seu relato, percebe-se que a imigração está associada a necessidade de trabalho. A relação de ausência e presença de familiares é parte da trajetória do imigrante, no caso, dela morar no Rio de Janeiro, significa a sua ausência na Paraíba, o que a motiva a ficar em Rio das Pedras é a vontade de retornar para o Nordeste e lá trabalhar no seu próprio negócio. Porém, o novo lugar de moradia, criou uma ruptura em relação a convivência com aqueles sujeitos que constituem a sua rede de apoio familiar.

O Rio de Janeiro é visto para Adriana, como um lugar de trabalho e possibilidade de melhoria das condições de vida, um lugar de passagem, que ela está “a passeio” de acordo com o seu relato, observou-se mudanças em relação a sua moradia na Comunidade Rio das Pedras e a situação financeira da família.

Quando eu vi morar aqui nessa rua a gente morava ali em baixo, aí eu tinha uma quitinete. Aí eu já tenho duas quitinetes alugadas, eu já tenho essa daqui entendeu? E eu comprei três terrenos na Paraíba financiado pelo Banco do Brasil. A gente paga, quando eu terminar de pagar, eu pretendo comprar mais quitinetes para alugar, para quando eu voltar para lá eu ter o dinheiro daqui investido, entendeu? (Adriana, 32 anos, Entrevista, Relatório de Campo).

A expressão *ali em baixo*, Adriana se refere a organização do espaço na comunidade, a sua residência está localizada próximo a um dos principais acessos e circulação, a rua é pavimentada por onde circula os ônibus que ligam a comunidade aos demais bairros da Zona Oeste e Zona Sul da cidade. Para ter acesso a sua residência, o percurso foi feito a pé por uma subida íngreme, a sua quitinete que fica no 3º andar de um prédio. Compreende-se que *ali em baixo*, significa a relação que ela mantém com o tipo de construção de prédios que vão se adaptando à geografia e o espaço disponível não necessariamente em lote, em bairro, uma casa, ou um prédio de apartamento, mas, apenas um lugar. Pode representar também a hierarquia na ocupação de subárea na comunidade, que no caso de Adriana ocorreu em função da condição social da sua família. Ela fala da compra de imóvel no Estado da Paraíba e de quitinetes para alugar na comunidade. A atividade do esposo de Adriana, que é a construção civil, foi o que favoreceu a construção de sua quitinete, que é dividida em: sala, cozinha,

banheiro, quarto do casal e o quarto da criança de seis anos. A organização interna do imóvel, como piso em cerâmica e as paredes pintadas em textura contrasta com a área externa e de acesso ao prédio.

O caso a seguir, é diferente do caso de Adriana e Rafaela. Em seu relato, Rejane informa que é filha de imigrantes, informa sobre a família Rodrigues. Ela nasceu no Rio de Janeiro, tem 29 anos, mãe de dois filhos, seus pais, imigraram dos Estados do Piauí e da Paraíba. O seu esposo é imigrante do Estado de Pernambuco. A sua fala descreve a rotina que tem na comunidade.

Olha a minha vida aqui é tranquila, é de casa pro trabalho, [...] acordo, deixo meu filho na escola, da escola vou pra casa, venho, daí pego no trabalho nove horas e deço para trabalhar e trabalho até as sete da noite e vou pra casa, ficar com minha família, fazer os deveres de casa, durmo cedo. Por que meu filho ultimamente está dormindo na escola, está tendo esse problema de dormir na sala de aula, né, então eu tenho que dormir cedo com ele, assim, nove horas tô lá deitada com ele pra ele estar dormindo, né, no final de semana também não sou de sair, mas de ficar em casa, eu meu esposo, meu filho. (Rejane, 29 anos, Entrevista, Relatório de campo)

Observou-se que na fala Rejane diz que a sua rotina diária é o trabalho que ela tem na casa lotérica e o acompanhamento do seu filho de três anos na escola e de suas atividades escolares. Porém, destacou que dorme cedo em função do horário da escola. Quanto ao conhecimento sobre a realidade da vida das pessoas no Nordeste, é baseado nos relatos dos familiares e de outras pessoas do seu convívio, além disso ela fala do retorno ao Nordeste.

Eu escuto dizer assim: pra morar é um lugar bom, é um lugar tranquilo, mas assim, em relação a trabalho assim que é ruim [...] meu esposo que é do Nordeste, de Pernambuco, [ele] fala que não acostuma aqui no Rio, [...] o pensamento dele é voltar para morar lá e fala que não se acostuma aqui [...] nos planos dele é ir embora de vez pra morar lá, e no caso eu também iria. (Rejane, 29 anos, Entrevista, Relatório de campo)

O Nordeste como um lugar tranquilo é retratado na fala da entrevistada, tendo como contrapartida a situação de trabalho, que é considerado por ela como ruim. O trabalho, é um dos aspectos mais comum na fala dos sujeitos entrevistados, assim como, o tipo de função exercida. O que está implícito na fala de Rejane, é a ausência de trabalho. Ela sinaliza que embora o trabalho aqui seja ruim, ele é existente, enquanto no Nordeste não.

Rejane, em referência ao esposo que é imigrante, ressalta a possibilidade de retornar para o Estado de Pernambuco, neste caso, a entrevistada faria o sentido contrário aos demais sujeitos imigrantes da pesquisa e o que se vê na literatura sobre a migração de retorno. Em relação aos seus familiares, Rejane, ao se referir a mãe ela fala: “só sei que ela não pensa mais em voltar, até mesmo porque ela não tem mais família lá, a família dela está toda aqui [Rio de

Janeiro] veio embora pra cá”. Neste caso, de Rejane as relações intergeracionais, se apresenta o convívio com pessoas de diferentes gerações de sua família na Comunidade Rio da Pedras, os vínculos que ela mantém é com a família materna.

Se considerarmos a idade e o nascimento de Rejane no Estado do Rio de Janeiro, nos leva a compreender que seus pais, possivelmente imigraram entre as décadas de 1970 e 1980, com a urbanização e a imigração do campo para cidade, quando foram esses os fatores que contribuíram para que a população mudassem para locais com maior possibilidade de emprego e moradia.

Nos casos de Adriana e Rafaela, elas eram as próprias imigrantes, portanto, ainda, há para estes sujeitos a perspectiva de retorno para manter vínculos familiares no Nordeste. Para Rafaela, a possibilidade de retorno diverge de seu pai, ela justifica que gostaria de permanecer no Rio de Janeiro, pois, há uma melhor condição para o estudo e trabalho.

A partir dos relatos das famílias, agrupou-se explicações sobre o contexto de vivência, contribuindo no conhecimento do lugar de pertencimento e as experiências que envolve a família em contexto de imigração.

Neste sentido, o *ir e vir*, no movimento migratório entre as Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil observadas na fala dos sujeitos desta pesquisa, pressupõe vários modos de relações: relação com o tempo, relação com o lugar de origem na busca de familiares e reencontro psicossocial, que muitas vezes sobrepõem ao aspecto econômico, neste caso, o retorno do imigrante se faz no campo das relações físico, social e emocional.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. REMHU, **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** [online]. 2012, vol.20, n.39, pp. 77-100. ISSN 1980-8585.
- BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). **Utopias da Comunidade Rio da Pedras uma Favela Carioca** Rio de Janeiro: Editora PUC. 2002, 250p.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- MATTOS, C. L. G. de.; FACION, J. R. Exclusão: uma metacategoria nos estudos sobre educação. In: FACION, J. R. (Org.). *Inclusão escolar e suas implicações*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008. p. 9-43.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza. **Relatório Final de Pesquisa**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 2010, 184f.